

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA PARA A HISTÓRIA DO
ENSINO DAS LÍNGUAS E LITERATURAS ESTRANGEIRAS

CENTRO DE LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE DO PORTO



Dos Autores de Manuais aos Métodos de Ensino das Línguas e Literaturas Estrangeiras em Portugal (1800-1910)

Luís Alberto Marques Alves
Ausenda Babo
Luzia Blard
Maria Hermínia Amado Laurel
Daniel Coste
Sónia Duarte
Juan F. García Bascuñana
Monica Lupetti
Fernando Carmino Marques
Fátima Outeirinho
Alicia Piquer Desvaux
Rogelio Ponce de León Romeo
Maria José Salema

ORGANIZAÇÃO:

Sónia Duarte
Fátima Outeirinho
Rogelio Ponce de León

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Dos Autores de Manuais aos Métodos de Ensino das Línguas e Literaturas Estrangeiras em Portugal (1800-1910)

ORGANIZADORES

Sónia Duarte, Fátima Outeirinho, Rogelio Ponce de León

EDITOR

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Linguística da Universidade do Porto

LOCAL

Porto

ANO DE EDIÇÃO 2014

CAPA José Osswald

CONCEPÇÃO GRÁFICA Sersilito-Empresa Gráfica, Lda.

ISBN 978-989-8648-32-7

DEPÓSITO LEGAL 383201/14

TIRAGEM 150 exemplares

Teixeira Botelho e a renovação do ensino das línguas modernas estrangeiras em Portugal no início do século XX

MARIA JOSÉ SALEMA
Universidade do Minho

Creio que se pode afirmar de José Justino Teixeira Botelho que é dos poucos autores de manuais de ensino das línguas estrangeiras em que, no período que é objecto da nossa investigação neste Colóquio, podemos encontrar uma interessante e profícua simbiose entre propostas metodológicas de ensino das línguas, elaboração de manuais que visam a sua concretização e prática docente.

A figura de Teixeira Botelho destaca-se, com efeito, no conjunto dos educadores, pedagogos e docentes que, na transição do século XIX para o século XX, se empenharam num amplo movimento de renovação do ensino secundário em Portugal.

Professor de francês e inglês no inicialmente designado Real Colégio Militar, e a seguir à implantação da República, Colégio Militar, durante 22 anos, Teixeira Botelho inscreve-se na corrente dos pedagogos e professores reformistas que, desde o último terço do século XIX, não só contestam a metodologia tradicional do ensino das línguas modernas, assente predominantemente no ensino da gramática e da prática da tradução, como reclamam para as línguas modernas estrangeiras um maior espaço nos currículos liceais e a redefinição dos objetivos da sua aprendizagem.

No século XIX a progressiva generalização da escolaridade obrigatória, os progressos das ciências e das técnicas modernas e o processo de industrialização nos países da Europa e América do Norte incitam teóricos e práticos a procurarem métodos de ensino das línguas mais adaptados às novas realidades sociais (Caravolas 1995: 158). Do mesmo modo, a intensificação das relações internacionais, que o desenvolvimento dos meios de comunicação acelerou, trouxe consigo o questionamento das concepções educativas tradicionais, reclamando um novo papel para as línguas estrangeiras e uma finalidade prática para o seu ensino: há que aprender línguas, repete-se então à sociedade, não só para as ler, mas, essencialmente, para se ser capaz de as falar. As línguas devem aprender-se, também, como instrumentos de cultura, que permitam o conhecimento dos povos que as falam.

Nessa aproximação dos países, que se acentua nos finais do século, e que também traduz um novo interesse cultural, o desejo de se conhecerem outros povos, o estudo das línguas e das literaturas modernas aparece como o meio, por excelência, de conhecimento do estrangeiro, devendo por isso constituir uma das bases do ensino oficial.

Na sessão de abertura do Congresso internacional do ensino das línguas vivas, que tem lugar em Paris de 24 a 28 de Julho de 1900, Bossert, que preside à sua organização, explica o extraordinário desenvolvimento do estudo das línguas modernas estrangeiras a que se vem assistindo, “l’une des bases de l’enseignement public”, como uma tendência geral da época para a intensificação das relações internacionais. É que as línguas e as literaturas são o melhor espelho das nações:

La vraie figure des nations (...) se révèle dans leur langue et dans leur littérature. L’étude des langues et des littératures est donc le vrai moyen de connaître l’étranger, et, en le connaissant mieux, de l’aimer davantage, de se sentir porté à se rapprocher de lui (DENIKER 1901: 8).

A crítica do “*Método de gramática/tradução*”, dominante na aprendizagem das línguas no ensino oficial, apelidado pelos seus detractores de *Método Dogmático*, acentua-se entre nós a partir de meados da década de 80, sobretudo através dos artigos que inúmeros professores publicam nas duas principais revistas pedagógicas do ensino secundário: a *Revista de Educação e Ensino* e a *Revista dos Liceus*. Escritos na sua maioria por professores do ensino secundário, mas também por alguns professores universitários, neles se apontam novos objectivos à aprendizagem da língua materna e das línguas estrangeiras modernas, e conteúdos e métodos de ensino que se desejam em ruptura com o passado, de acordo com o Movimento da Reforma que, nascido na Alemanha, se expandiu na Europa e Estados Unidos da América a partir de 1882.

À amplitude e virulência dessas críticas não corresponde, porém, um pensamento pedagógico-didático original, particularmente no que respeita à teorização de um novo modelo de ensino das línguas estrangeiras, que veremos sistematizar-se apenas no início do século XX com a obra de Teixeira Botelho: *As línguas vivas na instrução secundária*. Apesar de bastante generalizada entre os nossos professores liceais a consciência da necessidade de uma transformação profunda e global do ensino/aprendizagem das línguas estrangeiras, em nenhuma dessas críticas vemos surgir um corpo de doutrina coerente. Se, por um lado, se limitam a propor a adopção em Portugal da metodologia do ensino das línguas divulgada sobretudo pelos pedagogos alemães e franceses, por outro, trata-se de críticas parcelares, avulsas, da

prática pedagógica tradicional, acompanhadas de sugestões ou recomendações da utilização de estratégias de aprendizagem decorrentes dessa nova metodologia (cf. Salema 1993).

O livro referido, que Teixeira Botelho publica em 1904, reveste-se assim de uma importância capital, pois se trata da primeira obra portuguesa de sistematização da nova didáctica das línguas estrangeiras modernas que se constitui na transição do século XIX para o século XX.

A preocupação com estas questões fora já objecto da reflexão de Teixeira Botelho em artigo que em Abril de 1901 publicou na *Revista do Exército e da Armada* sob o título “*Do estudo das línguas vivas no Exército*: “a questão [...] do estudo das línguas inglesa e alemã como preparatório para os candidatos à matrícula na Escola do Exército” que, segundo nos afirma, se debatia então uma vez mais, despertou-lhe o desejo de investigar o que se fazia e pensava nos outros países “sobre o importante assunto do estudo das línguas estrangeiras” (1901: 3). Era sua intenção comparar o resultado dessa investigação com as necessidades do nosso país em ordem a contribuir com as suas sugestões para o aperfeiçoamento do nosso ensino.

Traçando a história do ensino das línguas estrangeiras no exército português desde a criação da primeira instituição de ensino militar portuguesa no século XVIII, o então Capitão de Artilharia analisa o estatuto das diversas línguas nos programas propostos desde então até ao princípio do século XX, para concluir “que o ensino, quer o ministrado nas escolas militares [...] quer o dos liceus do reino, tem deixado muito a desejar, a ponto de ser quase inútil e ilusório” (1901: 6). Evocada a legislação portuguesa dos últimos cem anos e o lugar aí dado ao francês, ao inglês e ao alemão, vai deter-se na avaliação dos planos de estudo das escolas militares de ensino médio de alguns países europeus para a partir dela propor orientações úteis a Portugal “sob o duplo aspecto das boas normas pedagógicas e das conveniências do exército” (1901:14). As suas reflexões incidem em primeiro lugar na importância de que se reveste para a “cultura do espírito” o ensino das línguas “clássicas e modernas” na instrução secundária. As línguas modernas representam todas um “valioso instrumento de trabalho”; porém, “do ponto de vista utilitário”, como refere, “não se pode atribuir igual valor a todas, quando consideradas sob o aspecto da influência que o seu conhecimento pode exercer no nosso meio social e militar”. Detém-se seguidamente na análise do lugar e do papel das “três línguas vivas estrangeiras” do plano de estudos do nosso ensino secundário, nomeadamente do ponto de vista das funções desempenhadas pelos oficiais do exército e da marinha, prioritariamente o domínio da língua francesa, deixando-se à livre escolha dos alunos a opção pelas duas outras línguas estudadas no ensino secundário, o inglês e o alemão. Apenas relativa-

mente à Escola Naval se imporia a criação de um curso de língua inglesa “de carácter essencialmente prático”, dado a Inglaterra ser “a primeira potência marítima com a qual têm aprendido as outras”, e também “por serem as paragens por onde geralmente navegam os nossos navios de guerra aquelas onde tem predomínio a língua inglesa” (1901: 17). Aos oficiais habilitados com o curso de guerra, e nomeadamente, aos que viriam a integrar o Estado-Maior, dever-se-ia exigir uma preparação mais completa em matéria de línguas, a incluir, além do estudo do francês e inglês, o do alemão. Teixeira Botelho propõe, finalmente, para os oficiais em serviço nas colónias, a familiarização com “as línguas indígenas”.

Mas voltemos à obra de 1904 “*As línguas vivas na instrução secundária*”.

Teixeira Botelho parte da constatação do atraso em que se encontra o nosso ensino secundário relativamente aos países mais cultos da Europa, apesar do “enorme progresso” que em sua opinião a reforma de João Franco – Jaime Moniz, promulgada em 1894-1895, representa. Para que essa reforma, válida em si mesma, mas incompleta e mal executada, se torne eficaz, e para que essa eficácia se concretize também no ensino das línguas modernas, impõe-se, entre outros aspectos, uma reflexão sobre os métodos de ensino. Tal é o objectivo que se propõe com a sua obra: divulgar, numa dupla perspectiva, teórica e prática, o Método Directo, método de ensino das línguas modernas conhecido e adoptado em muitos países europeus e que o autor experimentou durante alguns anos no Real Colégio Militar, em inglês e francês, sobretudo em francês, “com resultados satisfatórios”. Ele completará a exposição deste método com o que qualifica de “um breve estudo sobre a educação e formação dos professores”, questão “indissolavelmente ligada com a dos métodos de ensino” (Botelho 1904: Prefácio).

Ao longo de toda a obra, o posicionamento de Teixeira Botelho é a do profundo conhecedor do método que expõe, em todas as suas implicações teóricas e práticas, informação completa e segura, que abarca o pensamento e a obra dos doutrinadores e pedagogos mais importantes, as revistas e congressos pedagógicos estrangeiros, as experiências já realizadas em diversos países, as polémicas que se travam entre as diversas correntes do Método Directo e a avaliação dos seus resultados. É, ao mesmo tempo, a atitude do crítico da prática pedagógica estrangeira e portuguesa, do reformulador de alguns dos princípios e aplicações do novo método, com base na sua experiência docente, que aponta vias de superação das dificuldades encontradas por muitos professores na sua utilização. A propósito de um dos princípios do Movimento da Reforma, a supressão ou limitação da tradução, e de outros processos de compreensão do texto possíveis, dirá, por exemplo:

Não se suponha que isto é fantasia. Mais fácil de realizar no ensino d'umas línguas que no d'outras, é sempre exequível, e constitui, a nosso ver, a melhor pedra de toque para apreciar o verdadeiro mérito do professor (Botelho 1904: 142).

Vê-lo-emos, também, pronunciar-se criticamente sobre a utilização da “notação fonética” no período de iniciação, consagrado essencialmente à aprendizagem da pronúncia:

Reconhecendo que o ensino deve a princípio ser puramente oral e independente do livro, não somos partidário das notações fonéticas provisórias, e cremos por experiência que resultados muito satisfatórios podem ser obtidos admitindo os alunos à ortografia usual logo depois dos primeiros exercícios de pronúncia (Botelho 1904: 130).

Como afirmará noutra obra, editada em 1911 – *Programas, livros e material de ensino das línguas vivas* –, em que desenvolve as suas teorias pedagógicas, à luz da experiência trazida pela aplicação das duas últimas reformas que antecedem a implantação da República, o que escreve foi “guiado simultaneamente” pelo seu “largo tirocínio do magistério e pela leitura meditada de alguns dos principais publicistas estrangeiros” (Botelho 1911: 110).

Baseando-me em Marcus Reinfried (1999), caracterizarei muito brevemente o Método Directo, que Botelho expõe minuciosamente no livro em análise, para uma melhor contextualização do seu pensamento:

O método direto que se desenvolveu na segunda metade do século XIX teve a sua origem nos pioneiros do movimento reformista alemão como reacção ao método de gramática-tradução, racionalista e sintético. À semelhança dos métodos ‘alternativos’ holísticos que surgiram nos Estados Unidos nos anos 60 e 70 do século XX, o método directo representa uma tentativa de adaptação ao ensino escolar de alguns princípios fundamentais da aquisição natural de uma segunda língua. A sua teoria de aprendizagem baseia-se na hipótese da identidade da aquisição da língua materna e da aquisição de uma segunda língua; acrescentou-se-lhe também o postulado de uma ausência de relação entre a reflexão das estruturas linguísticas e o domínio prático de uma língua.

Regressemos a Teixeira Botelho. Destacarei apenas os pontos fundamentais da sua obra e do seu pensamento relativamente à renovação do ensino das línguas.

Começando por chamar a atenção para a crescente importância do estudo das línguas modernas, consequência da intensificação das relações internacionais, e para a necessidade da sua aprendizagem na instrução secundária, a exigir um maior espaço nos currículos escolares para esta “poderosa alavanca de união e comércio entre os povos”, o nosso autor sublinha que a difusão

do seu ensino é para Portugal condição indispensável do progresso material, intelectual e moral. Essa importância e a concomitante aspiração da opinião pública a um ensino prático das línguas, conduziram à transformação radical dos métodos de ensino, o que implicou uma questão prévia que assim enuncia: “Que línguas nos convém mais saber?” (Botelho 1904: 38).

Botelho aborda esta problemática no quadro da tradição escolar portuguesa, que até à reforma de João Franco concedera a primazia ao francês. Destacando no conjunto de cinco línguas europeias (o francês, o espanhol o italiano o inglês e o alemão), o francês, língua a que continua a reconhecer o primeiro lugar, insiste na grande importância do inglês, que nenhum outro idioma iguala “na sua colossal extensão etnográfica”, veículo de uma “antiga e opulenta literatura”, em que inclui o reputado jornalismo britânico, e “um dos mais belos instrumentos de civilização” que se conhecem. Chamando a atenção para a insuficiente preparação dos professores de línguas em Portugal, que na sua grande maioria não estão habilitados para falarem fluente e correctamente as línguas que ensinam, facto que dificulta a vulgarização dos métodos modernos, insiste na importância da preparação e actualização deste grupo de professores, salientando as deficiências da formação obtida no Curso Superior de Letras, que a própria legislação não assegura.

Entra depois na análise dos métodos de ensino, destacando as vantagens do “Método directo ou natural” na consecução dos novos objectivos do ensino das línguas, e expõe as suas componentes essenciais, processos e técnicas de ensino/aprendizagem. Como já referi, nesta análise crítica entrecruzam-se sempre a visão do teórico e do prático, do reformulador que não perde nunca de vista a finalidade essencial que se fixou desde o início: inovar, divulgando princípios, técnicas e resultados e incentivando os professores. Se tais resultados se conseguem no estrangeiro, “não há razão alguma”, assegura-nos Botelho, “para que (os) não possamos também conseguir no nosso país” (Botelho 1904: 143). Precisamos por isso, acrescenta, “de suprir a própria experiência, de que carecemos, com a experiência dos outros, adoptando o Método Directo que, além de facilitar e de tornar atraente o estudo dos idiomas modernos, tem já por si a sanção da prática que o aponta como o mais eficaz” (Botelho 1904: 173) e fazendo na legislação os necessários ajustamentos. Teixeira Botelho entende, porém, que essa alteração é insuficiente se não houver vontade de a valorizar, “praticando-a conscienciosa e patrioticamente”. É que não há ensino, das línguas como de quaisquer outras disciplinas, que “medre”, sem que a reforma a pôr em prática abranja “não só as leis, senão também os costumes, especialmente aqueles que servem de farol aos outros, isto é, os costumes políticos, que tudo corrompem e tudo sacrificam às ambições

personais [...] Com efeito, quem viu jamais uma instrução modelar em país de maus costumes políticos?” (Botelho 1904: 178-179).

Faceta igualmente importante da acção inovadora de Teixeira Botelho diz respeito ao seu contributo para a renovação dos manuais de ensino aprovados para uso dos nossos liceus a partir de 1907.

Tinha-se entretanto promulgado nova reforma da instrução secundária (em 1905), visando a correcção e aperfeiçoamento da legislação anterior, nomeadamente pela reestruturação do plano de estudos, em que se valoriza a aprendizagem das línguas modernas, pela redefinição da sua metodologia, em que se recomenda a utilização do Método Directo, que “será predominante”, como se lê nas *Observações* que se seguem aos programas das três primeiras classes, e pela preocupação em preparar “bons professores” e se disponibilizar “bom material didáctico” (Salema 1993).

Ao regime do livro único em vigor sucede o da livre escolha dos manuais pelos professores de cada liceu, de entre as obras superiormente adoptadas, o que acontece pela primeira vez em Setembro de 1907. Da relação dos livros apresentados a concurso para o ensino do francês apenas constam três obras para as três primeiras classes, que são aprovadas provisoriamente, entre as quais o *Livre de Lecture Française à l'usage des Classe de Ière de IIème et de IIIème*, de J. Justino Teixeira Botelho, que será escolhido pelos 29 estabelecimentos de ensino secundário então existentes. Este livro é novamente aprovado, ao lado de duas outras antologias, em Novembro de 1909, bem como um segundo volume de Teixeira Botelho, para a 4ª e 5ª classes: *Lectures scientifiques et littéraires à l'usage des Classes de IVème. et de Vème*.

O desejo de renovar o ensino do inglês leva-o também a editar em 1909 *The English Juvenile Reader* “prepared for the use of II and III classes of the Lyceums of Portugal”, obra que vira ser recusada no ano anterior pela “comissão de exame dos livros destinados ao ensino secundário”. Inconformado com tal decisão, dirige uma carta a Zófimo Consiglieri Pedroso, autor do parecer que recaiu sobre o manuscrito que apresentara na referida comissão. Este texto é ocasião para Teixeira Botelho explicar uma vez mais as suas ideias sobre a nascente didáctica das línguas e as orientações que deviam presidir à confecção dos manuais de ensino.

Exprimindo a sua surpresa e indignação pela rejeição da obra, refere o esforço que sempre norteou a sua já longa vida de professor em se aproximar, quanto possível, da “metodologia do ensino das línguas vivas” seguida nas “mais adiantadas nações”, quer nos seus livros, quer nos “seus processos didácticos”. Rebatendo ponto por ponto, e com abundantes exemplos, as críticas “de ordem didáctica e pedagógica que lhe são dirigidas e os erros de língua que lhe são apontados, diz-nos que na “traça” e no “processo”-

que adoptou neste seu livro imitou “os autores alemães” que muito admira “porque muito sabem” e adaptou ao contexto português a “literatura escolar britânica”, nomeadamente na tipologia dos textos propostos para leitura. Com a reprovação da sua obra, remata Teixeira Botelho, são “as ideias modernas em metodologia do ensino das línguas vivas” que são reprovadas.

Posteriormente a 1910 veremos o nosso autor, não só reeditar os manuais de francês publicados em 1907 e publicar novos manuais para o ensino do inglês, desta vez associando a gramática à leitura, como debruçar-se sobre outras componentes da aprendizagem do francês e do inglês, nomeadamente a redacção de cartas. O seu *Manual de composição epistolar didáctica em francês e inglês*, editado na tipografia da Cooperativa Militar, data de 1917.

A importância da “composição epistolar”, tradicionalmente praticada no ensino das línguas estrangeiras modernas, segundo nos informa, “quer por disposição dos programas, quer por consenso unânime dos professores”, é assim acentuada no Prefácio (1917: 3):

Além da sua natureza utilitária nas relações sociais, que só por si bastaria a recomendá-la para os exercícios escolares, a carta é das composições de invenção a que, pela variedade das suas modalidades, melhor se adapta a todas as idades dos estudantes e aos diferentes graus de ensino.

Sendo um dos objectivos do estudo dos idiomas estrangeiros o habilitar os alunos a escrevê-los, e tornando-se necessário, para tal conseguir, facilitar-lhes a *invenção*, a correspondência epistolar oferece-se como um dos meios mais adequados para tal objecto. Por isso que a carta outra coisa não é, como diz um douto professor, senão o registo da conversação com uma pessoa ausente. Ora, em todas as idades se conversa, e portanto em qualquer grau de adiantamento o aluno pode achar por si mesmo os elementos de que carece para a sua carta, contanto que o assunto dela seja procurado dentro da esfera dos conhecimentos e das ideias da sua idade.

Tudo isto aconselha a introdução da correspondência epistolar nos programas dos estudos secundários das línguas desde a segunda classe [...]. Este exercício recomenda-se também como um dos processos mais eficazes de adquirir conhecimento amplo das expressões familiares e das frases idiomáticas numa língua viva.

Nos livros destinados ao ensino do inglês mencionados, que publica em 1922, *The english juvenile reader and grammar*, o primeiro para os alunos da 2ª classe dos liceus, ano da iniciação ao estudo do inglês, e o segundo para os alunos das 3ª, 4ª e 5ª classes, moveu-o uma vez mais o desejo de aliar orientações didácticas novas e prática pedagógica. Ouçamo-lo no prefácio da primeira destas obras:

Ao elaborar este livro tivemos em mira aliar as disposições regulamentares com as normas do método directo, que, conforme se depreende da leitura do programa, se deve seguir no estudo da língua inglesa nas nossas escolas de instrução secundária (BOTELHO 1922: V).

E, mais adiante:

Tratando-se, porém, de um Método e não de um simples livro de leitura, não basta coligir trechos. É preciso acrescentar-lhes os exercícios que constituem a essência do método directo e que variam conforme o grau de adiantamento da classe a que se destinam (BOTELHO 1922: VII).

E ainda:

Um dos caracteres mais salientes do método directo é o uso da conversação desde o início da aprendizagem. Esta consideração levou-nos a juntar a cada trecho um questionário a propósito da sua matéria.

As gravuras que ilustram alguns dos trechos têm por fim torná-los mais facilmente compreensíveis, e também fornecer assunto de conversação (1922: VII-VIII).

Vimos como o seu *Livre de lecture française à l'usage des classes de lère, de IIème et de IIIème* foi unanimemente acolhido pelos professores de francês dos liceus do país. Tal opção traduz a nosso ver a necessidade de menos por uma parte dos nossos docentes, familiarizados certamente com os princípios do método directo e desejosos de terem à sua disposição materiais didácticos que permitissem a sua concretização na sala de aula. Com efeito, entre 1886 e 1893, publicam-se em duas das nossas revistas de ensino secundário, as conferências que Michel Bréal proferira em Paris: “*Comment on apprend les langues étrangères*” (Revista de Educação e Ensino, 1886-1887) e “*De l'enseignement des langues vivantes*” (Revista dos Liceus, 1893).

Esta última revista assim apresentará a série de dez conferências que Bréal proferira no ano anterior na Sorbonne:

Começamos hoje a extractar para esta *Revista* no todo ou em parte, algumas das notáveis conferências do Sr. Bréal, feitas aos estudantes da secção de letras na Sorbonne. M. Bréal é um literato e um pedagogo de tal valor, que tudo o que sai da sua pena merece uma atenção particular. Nada mais próprio para inflamar a centelha da vida íntima do ensino tão amortecida entre nós (1893: 49).

A publicação das obras de Teixeira Botelho destinadas ao ensino do francês fará surgir diversos livros auxiliares como os “*Significados do ‘livre de lecture française’ de J.J. Teixeira Botelho adoptado nas classes 1.ª, 2.ª e 3.ª dos liceus*”, por Luiz Lima, Professor d’Ensino Livre no Porto. O próprio Teixeira Botelho dará à estampa uma “*tradução à letra de leituras francesas (...) para*

uso das 1ª e 2ª classes dos liceus portugueses” nela se apresentando como *Um professor da Língua Francesa*.

A concluir, exemplificarei, com a caracterização, necessariamente breve, do primeiro dos seus manuais, adoptado em 1907, como vimos, pela totalidade dos nossos liceus, a forma como o autor se propõe contribuir para a renovação da prática pedagógica do seu tempo, de acordo com a metodologia directa oficialmente aconselhada. Como outros professores reformistas, Botelho pretende substituir os manuais de ensino tradicionais, por um novo tipo de livro escolar, antologias de textos que possibilitem a aprendizagem prática das línguas modernas, visando sobretudo a aquisição da capacidade de “compreender” e de “falar” as línguas estrangeiras e o conhecimento da civilização dos povos que as falam e escrevem, com relevo para a nova cultura científica que caracteriza a sociedade “moderna” então emergente.

O Livre de lecture française à l’usage des classes de Ière, de IIème et de IIIème do nosso autor corresponde à corrente moderada do Método Directo, a do chamado *Método do livro de leitura*, à qual teria aderido, fruto da experiência entretanto acumulada, grande parte dos professores, corrente em que, como o seu nome indica, a leitura e o texto tinham lugar preponderante. Com esta antologia, propõe-se Botelho “auxiliar o exercício do método directo ou natural”, a começar pela própria natureza dos trechos escolhidos. Neles se abordam temas como a vida escolar, o corpo humano, a família, profissões e ofícios, e outros, acrescenta o autor, “que familiarizam o aluno com o vocabulário mais usual”, como está preceituado. Outra característica do Método Directo que ele desejou ver concretizada no seu livro foi a exclusão das “notas sobre tradução”, de modo a que o acesso à significação se fizesse segundo os processos indicados: a intuição, a sinonímia e a paráfrase. Da mesma forma, respeitando as orientações do método relativamente às noções de civilização que deviam fazer parte da aprendizagem da língua, inclui na selecta “larga cópia de informações sobre a França e sobre a vida do povo francês”. Seguindo, também neste ponto, como afirma, os “metodologistas alemães”, optou pela elaboração de “trechos fabricados”, que, versando os assuntos indicados, se adequassem – “pela simplicidade da língua” – ao desenvolvimento dos alunos”. A antologia contém um número de trechos muito inferior ao que é habitual nas selectas tradicionais, para que o professor pudesse, não só consagrar ao período de iniciação as quatro ou cinco semanas recomendadas para o “início do método”, como realizar o tipo de exercícios que a nova metodologia preconizava. Com as gravuras que ilustram profusamente o seu livro, Teixeira Botelho teve em vista, não só torná-lo mais atraente, como também “fornecer elementos para a conversação”.

Em conclusão, poderei reafirmar que o pedagogo e o professor cujo perfil tentei desenhar ilustra bem, no campo do ensino/aprendizagem das línguas e literaturas modernas estrangeiras, a riqueza e a dinâmica do movimento pedagógico e social do início do século XX. Quer como teórico, a quem se deve a primeira sistematização da didáctica das línguas estrangeiras modernas em Portugal, e a sua divulgação, quer como prático, que, discutindo, experimentando e avaliando, renovou a prática pedagógica da aula de línguas, merece bem um lugar na galeria das figuras que se destacaram fazendo caminho, dos métodos de ensino aos manuais.

Referências bibliográficas

- BOTELHO, José Justino Teixeira. 1901. “Do estudo das línguas vivas no Exército”. *Revista do Exército e da Armada*. Lisboa: Tipografia da Cooperativa Militar.
- 1904. *As línguas vivas na Instrução Secundária*. Lisboa: Livraria Féris.
- 1905. *Discurso proferido na sessão solene da abertura das aulas no ano letivo de 1905-1906*. Lisboa: Tipografia da Cooperativa Militar.
- 1907. *Livre de lecture française à l’usage des classes de 1ère, de 2ème et de 3ème*. Porto : Librairie Chardron de Lello & Irmão, éditeurs.
- 1909a. *Lectures scientifiques et littéraires à l’usage des classes de 4ème et 5ème*. Porto: Librairie Chardron – Lello & Irmão, éditeurs.
- 1909b. *Carta ao Ex.mo Sr. Professor Zófimo Consiglieri Pedroso, membro da comissão de exame de livros para o ensino secundário, sobre o parecer por S. Ex.ª dado a respeito do manuscrito intitulado The english juvenile reader*. Lisboa: Tipografia do Comércio.
- 1911. *Programas, livros e material de ensino das línguas vivas*. Lisboa: Livraria Féris – Editora.
- 1917. *Manual de composição epistolar didáctica em francês e inglês, I Parte – Em francês*. Lisboa: Tipografia da Cooperativa Militar.
- 1921a. *Premier recueil de Lectures Françaises à l’usage des classes de Ie et de IIe des lycées portugais*. Porto: Librairie Chardron de Lello & Irmão, L.da, éditeurs/Librairies Aillaud e Bertrand – Lisboa – Paris.
- 1921b. *Deuxième Recueil de Lectures Françaises à l’usage des classes de IIIe à Ia Ve des lycées portugais*. Porto: Librairie Chardron de Lello & Irmão, L.da, éditeurs/Librairies Aillaud e Bertrand – Lisboa – Paris.
- 1922. *The english juvenile reader and grammar prepared for the use of the II Class of the lycéums of Portugal*. Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão, L.da.
- 1922a): *The english juvenile reader and grammar prepared for the use of the III, IV and V classes of the lycéums of Portugal*. Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão, L.da.
- BRÉAL, Michel. 1886. “Comment on apprend les langues étrangères”. *Revista de Educação e Ensino*,. 1.
- 1893: “De l’enseignement des langues vivantes”. *Revista dos Liceus*. 3.
- LIMA, Luiz. s. d. *Significados do “Livre de lecture française de J. J. Teixeira Botelho adotado nas Classes 1.ª, 2ª e 3ª dos Liceus*. Porto: Almeida e Sá, sucessores.
- REINFRIED, Marcus. 1999. “Le mouvement réformiste et la méthode directe en Allemagne: développement, fondement théorique et variations méthodologiques”. *Documents pour l’histoire du français langue étrangère ou seconde*. 23, Juin 1999.

UM PROFESSOR DA LÍNGUA FRANCESA. s. d. *Tradução à letra de LEITURAS FRANCESAS por J.J. Teixeira Botelho para uso das 1ª e 2ª classes dos liceus portugueses*. Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco.

SALEMA, Maria José. 1993: *A didática das línguas vivas e o ensino do francês nos liceus portugueses na viragem do século: o período de 1894 a 1910*. Dissertação de Doutoramento. Braga: Universidade do Minho.